

Coronavírus e consumo

Uma miragem ao ecologismo?

Júlia Eduarda Gouveia Rabelo de Abreu

O avanço frenético da atual pandemia prefigura um aturdimento a países despreparados em lidar com uma crise do porte da COVID 19. Ao deparar-se com uma carência de políticas públicas emergenciais para saúde, com as diligências sanitárias e restritivas, com isolamento social e distanciamento físico, além de crises que determinados Estados já vêm vivenciando, o congelamento da agenda de pautas globais fez-se necessário em meio às dificuldades de se lidar com o contexto atual. Isso resulta no paliativo dos principais fóruns multilaterais e no adiamento dos seus respectivos painéis de discussão devido às medidas de segurança contra o vírus. A situação, no entanto, vem apresentando problemáticas sobre esferas políticas interdependentes, em destaque a ambiental e a da saúde.

Já na década de 1990, o professor Jonathan Patz pontuava a necessidade de se “compreender os vínculos entre mudanças climatológicas e ecológicas como determinantes do surgimento e redistribuição de doenças”(PATZ, 1996, p.217). As mudanças climáticas também influenciam nos vetores e agentes patogênicos, estendendo as possibilidades de surgirem novos hospedeiros e formas de disseminação (BARCELLOS, 2009). Apesar da interrupção das atividades industriais e do comércio, os cientistas prosseguem trabalhando e desenvolvendo novos estudos acerca do vírus. De primeira instância foi descoberto que a origem do vírus é zoonótica, suspeitando-se que o consumo da carne de um animal hospedeiro do vírus tenha sido o vetor de contágio (CRIADO, 2020).

Foram cogitados como transmissores o morcego (G1, 2020) e o pangolim (CRIADO, 2020), considerados iguarias na alimentação de países da Ásia. É sabido que as diversidades culturais também se distinguem nos hábitos alimentares. Em Wuhan, e outros locais na China, tem-se o costume de consumir a carne dos mais variados animais silvestres. Acredita-se, naquele país, que esses hábitos alimentares partem não só de uma tradição oriental ou de um paladar comum, mas também do trauma vivido pela população da China entre as décadas de 1950 e 1960. Despertadas pela política de desenvolvimento catastrófica de Mao Tse Tung, a extrema pobreza e fome marcaram um período que levou a morte de 45 milhões de chineses (TRIGO, 2017). Levando-se em conta também que a China é terceiro maior país em extensão territorial, e que possui a maior população do planeta a ser alimentada - uma estimativa de 1,3 bilhões de pessoas (NAÇÕES UNIDAS, 2019)-, se compreende o desafio que é suprimir a fome neste local.

Com o surto do coronavírus, hoje o governo chinês instaura a proibição, do consumo e da venda de animais exóticos. O contrabando, o tráfico de animais silvestres e a caça ilegal, além de alimentarem um mercado bilionário e provocarem a extinção de diversas espécies (THOMAS, 2018), são propulsores no abastecimento dos mercados que comercializam estes animais, e que posteriormente vão às mesas alimentar os indivíduos (HOMANS, 2019). Animais comercializados vivos são facilitadores da transmissão de doenças, bem como o consumo de carnes que não passam pelas devidas etapas da cadeia de produção e que levam aos riscos de parasitoses e intoxicações alimentares (ZANELLA, 2016).

Ademais, outras epidemias de origem zoonótica também foram experimentadas em outros períodos. A gripe de Hong Kong (H3N2), por exemplo, transmitida pela criação inapropriada de aves em estresse físico, levou a morte de 3 milhões na década de 60 (BIERNATH, 2020). A gripe suína (H1N1) que contaminou humanos com o mesmo vírus de doenças respiratórias de porcos, levou ao óbito 16 mil pessoas (BARIFOUSE, 2020). Somam-se a essas outras epidemias como a da vaca louca (Doença de Creutzfeldt-Jakob), a gripe russa ou gripe asiática (H2N2) e a gripe aviária. Em relatório produzido em 2013 pela Food and Agriculture Organization (FAO), as estatísticas demonstram que:

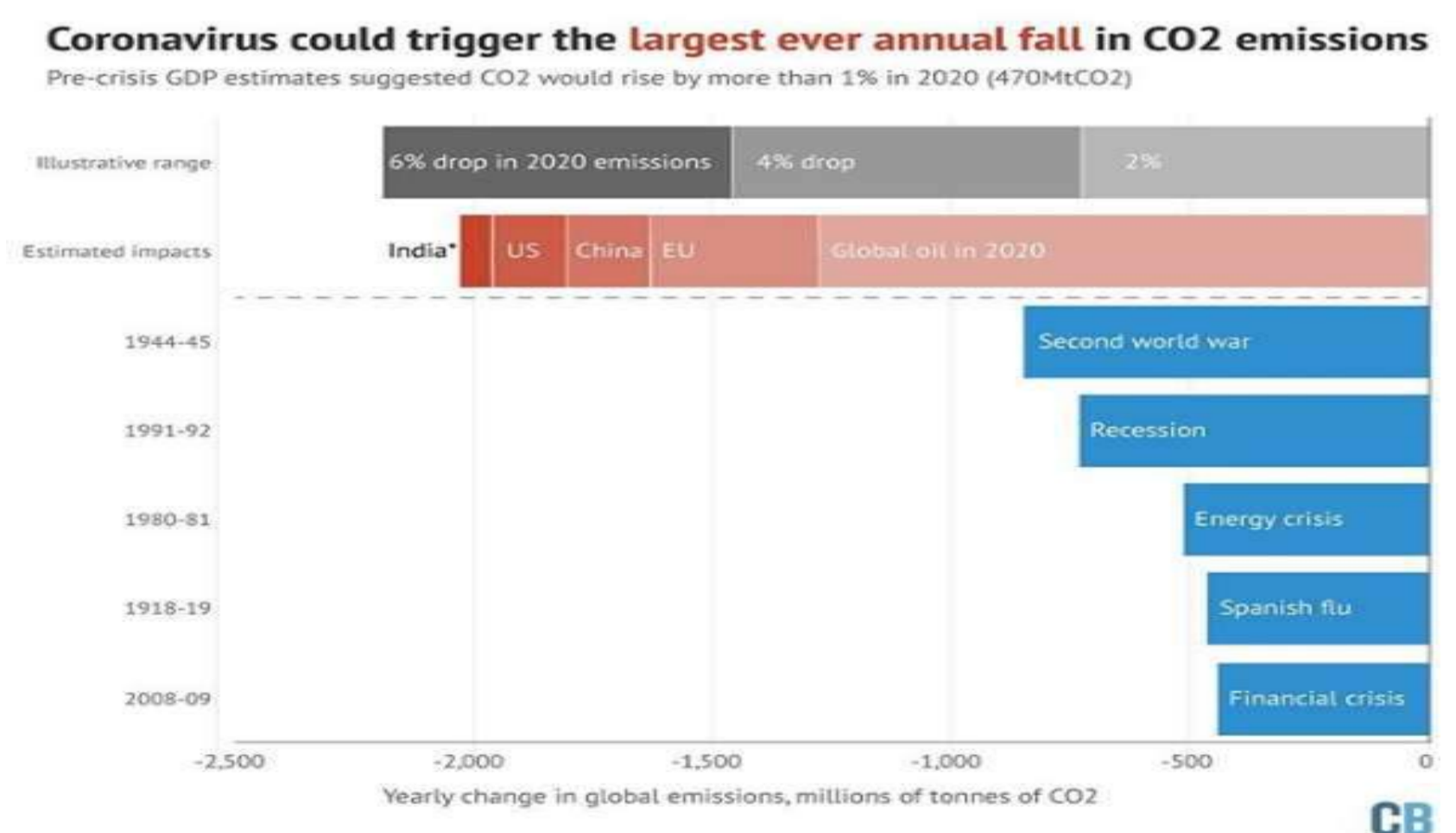
“Mais de 70% das doenças humanas são originárias de animais e nossa população humana em expansão está habitando mais áreas selvagens e se tornando cada vez mais dependente de animais para alimentação. As densidades de gado estão mudando e os sistemas de produção estão impactando um ao outro de novas maneiras. O comércio relacionado à pecuária está em ascensão e as mudanças climáticas estão criando novas oportunidades para o desenvolvimento de doenças animais. A dinâmica da cadeia alimentar está permitindo que mais doenças se desenvolvam mais rapidamente, e a degradação dos habitats naturais está reduzindo os mecanismos naturais de enfrentamento.” (FAO, 2013, p.9)

Portanto, é necessário pontuar que o consumo e a produção de carne merecem reflexão, o que vem ocorrendo com significância nos últimos anos. O abandono e a redução do consumo de carne tem sido reavaliado pelos mais diversos consumidores. Nos campos científicos têm sido desenvolvidas pesquisas e produtos que buscam se aproximar ao mercado de inovação. Isso se deriva de uma grande onda de conscientização sobre os impactos ambientais da produção e do consumo de alimentos de origem animal. Tal conscientização está relacionada com o fato de que o consumo humano exacerbado gera degradação ambiental, que acarreta riscos imensuráveis à saúde global, o que se reverte em termos de qualidade de ar, alimento e vida.

Outro ponto a se tratar nos arredores de consumo e produção é a emissão de gases do efeito estufa, questão em que os mercados e indústrias possuem dificuldade em assumir uma responsabilidade socioambiental. Dada a pandemia, ambientalistas e demais pesquisadores também observam como os fatores ambientais são correlatos aos impactos da crise do coronavírus. O decréscimo dos níveis de gases do efeito estufa, como dióxido de carbono (CO₂) e de nitrogênio (NO₂) foi notado desde o início da epidemia, como efeito da interrupção das atividades e deslocamentos restringidos pelas normas governamentais (BBC NEWS, 2020).

O gráfico produzido pelo Carbon Brief demonstra a queda da emissão de dióxido de carbono, provocada pela pandemia em comparação com o que foi contabilizado em outros períodos de crise econômica, guerras e epidemias:

Imagem 5 – Queda da emissão de CO₂ em crises



Fonte: Carbon Brief (2020)

Ou seja, períodos em que a produção, a industrialização e o consumo tiveram de ser interrompidos ou reduzidos devido às circunstâncias. Levando em consideração as quedas do CO₂, isso demonstra a incompatibilidade do modo de produção global com a sustentabilidade. O gráfico também sugere que “a pandemia pode causar cortes de emissões este ano no montante de 2.000 milhões de toneladas de CO₂ (MtCO₂).” (EVANS, 2020, tradução minha).

Levando em conta o encolhimento da demanda global pelos combustíveis fósseis, a tendência é que as estimativas corram conforme a queda letal da comercialização do petróleo, o que poder gerar olhares otimistas para a situação. Entretanto, o que aflige uma possível estabilidade climática é o fato de que a interrupção das atividades é temporária. A tendência é que, com passar da pandemia e da forte crise econômica, estas atividades retomem em um nível de produção ainda mais intenso, em compensação ao tempo em que estiveram paralisadas. É importante salientar que essas mudanças podem rapidamente retroceder, assim como já foi experimentado em outras crises. E uma vez retrocedidas, estas podem ter impactos ainda mais dramáticos. A experiência histórica tem muito a contribuir nessa percepção, afinal o período após as crises apontadas pelo gráfico anterior demonstrou que as mudanças não surtiram efeito no consciente coletivo.

Em países que sofrem com a poluição direta - e direta no sentido de uma poluição visível e experimentada, seja no ar que se respira, na água que se consome, na qualidade de vida individual - nota-se que os impactos ambientais da interrupção comercial foram muito evidentes. Dando como exemplo a Índia, que lida com uma poluição atmosférica nítida e com o óbito de centenas de pessoas por doenças pulmonares, após décadas encoberto pela massa de ar carregadas de poluição, já se pode avistar a Cordilheira do Himalaia novamente (CNN, 2020). No entanto, as usinas termelétricas, que são principais poluidoras do país, retornarão ao funcionamento após a pandemia. Em termos qualitativos, os resultados são ínfimos e distante de uma reversão considerável das consequências dos quadros climáticos. Segundo o mesmo estudo da Carbon Brief, é necessário caminhar para uma redução de 7,6% da emissão de CO2 anual, e o retorno após quarentena pode não surtir mudanças promissoras no aspecto ambiental.

O isolamento social tem os seus benefícios efêmeros ao meio ambiente, como a redução da poluição nas ruas, praias e oceanos, bem como o retorno atípico de animais ao meio urbano. Porém, como de praxe, o consumismo encontrou outras maneiras de se adaptar à situação. A quantidade de lixo doméstico que vem sendo produzida pela permanência em domicílio, causada pelo aumento do consumo alimentício e pelo plástico como matéria prima das embalagens dos produtos, denota a rápida mutação que a sociedade de consumo sofre. O lixo hospitalar também se expande em tempos de cuidados redobrados, contribuindo para emissão de resíduos químicos tóxicos, sendo que nem todas as cidades possuem coleta seletiva ou gestão de resíduos adequada para descarte. Além disso, os picos do consumo de energia, de água, que sobrecarregam as matrizes de produção e captação de recursos. Ao todo, isso enfraquece a ingênua percepção de que a pandemia é somente benéfica ao meio ambiente.

Por fim, as incertezas se sobressaem nesse cenário global instável nas mais diversas instâncias. Ainda não há previsões precisas do regresso à normalidade, e tampouco do encerramento da epidemia. Enquanto isso pode-se respirar um ar um pouco mais inalável, a fauna e flora tem um momentâneo descanso e as espécies aproveitam o ambiente, festejando a ausência humana.

A reflexão da relação entre consumo e impacto ambiental deve ser atenciosa. Por mais que os fatos venham servindo a alguns como uma esperançosa miragem ao ecologismo e a um futuro benigno, diga-se de passagem que é pretensioso se pensar em uma mudança substancial e imediata no modelo político e econômico global, o capitalismo. O que o sustenta esse modelo é a sociedade de consumo, através do exercício do consumo desenfreado, que mostra a face crua e impiedosa do capitalismo em suas colateralidades ao meio ambiente, a desigualdade social e àqueles que tentam sobreviver a seus males.

Referências

BARCELLOS, Christovam et al . Mudanças climáticas e ambientais e as doenças infecciosas: cenários e incertezas para o Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 18, n. 3, p. 285-304, set. 2009 . Disponível em http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742009000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 de Abril 2020.

BARIFOUSE, Rafael. “Como o Brasil foi afetado pela pandemia de H1N1, A 1.a do Século 21”. **BBC NEWS BRASIL**, São Paulo. Publicado em 25 de Março de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>. Acesso em 27 de Abril de 2020.

BBC NEWS. “Cinco motivos pelos quais pandemia de coronavírus pode não ser boa para o meio ambiente”. **BBC News**. Publicado em 06 de Abril de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52182154>. Acesso em 24 de Abril de 2020.

BBC NEWS. “Coronavírus: imagens da Nasa mostram queda da poluição na China em meio ao surto”. **BBC News**. Publicado em 01 de Março de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51699211>. Acesso em 25 de Abril de 2020.

BBC NEWS. ”Aquecimento global: 7 gráficos que mostram em que ponto estamos”. **BBC News**. Publicado em 17 de Janeiro de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46424720>. Acesso em 30 de Abril de 2020.

BIERNATH, André. “Gripe: quais foram as maiores epidemias da história”. **Revista Saúde**, Abril “Medicina”. Publicado em 17 de Abril de 2018. Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/gripe-quais-foram-as-maiores-epidemias-da-historia/>. Acesso em 28 de Abril de 2020.

EVANS, Simon. “Analysis: Coronavirus set to cause largest ever annual fall in CO2 emissions”. **Carbon Brief**. Publicado em 09 de Abril de 2020. Disponível em <https://www.carbonbrief.org/analysis-coronavirus-set-to-cause-largest-ever-annual-fall-in-co2-emissions>. Acesso em 26 de Abril de 2020.

CNN. “As pessoas na Índia podem ver o Himalaia pela primeira vez em 'décadas', pois o bloqueio diminui a poluição do ar”. Por Rob Picheta. Publicado em 09 de Abril de 2020. Disponível em <<https://edition.cnn.com/travel/article/himalayas-visible-lockdown-india-scli-intl/index.html>>. Acesso em 24 de Abril de 2020.

CRIADO, Miguel Ángel. “Crescem as evidências de que o pangolim foi o animal de origem do coronavírus”. EL PAÍS. Publicado em 27 de Março de 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-03-27/crescem-as-evidencias-de-que-o-pangolim-foi-o-animal-de-origem-do-coronavirus.html>>. Acesso em 27 de Abril de 2020.

FAO. 2013. World Livestock 2013 – Changing disease landscapes. Rome. Disponível em <<http://www.fao.org/policy-support/resources/resources-details/en/c/1262789/>>. Acesso em 26 de Abril de 2020.

G1. “Novo coronavírus pode ter vindo de morcegos, indica pesquisa”. Publicado em 30 de Janeiro de 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/30/novo-coronavirus-pode-ter-vindo-de-morcegos-indica-pesquisa.ghtml>>. Acesso em 27 de Abril de 2020.

HOMANS, Charles. “Hong Kong é a principal rota do tráfico de animais silvestres”. The New York Times. Publicado em 25 de Fevereiro de 2019, em Estadão, Internacional. Disponível em <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw,hong-kong-e-a-principal-rota-do-trafico-de-animais-silvestres,70002732119>>. Acesso em 30 de Abril de 2020.

NAÇÕES UNIDAS, Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, Divisão de População (2019). World Population Prospects 2019, dados personalizados adquiridos via site. Disponível em <<https://population.un.org/wpp/DataQuery/>>. Acesso em 29 de Abril de 2020.

PATZ JA, Epstein PR, Burke TA, Balbus JM. Mudança climática global e doenças infecciosas emergentes. *JAMA*. 1996; 275 (3): 217–223.

PEIRÓ, Patricia. “Humanos que comem animais selvagens sem controle, um barril de pólvora para a saúde mundial”. **EL PAÍS**. Publicado em 06 de Março de 2020. Disponível em https://brasil.elpais.com/planeta_futuro/2020-03-06/humanos-que-comem-animais-selvagens-sem-controle-um-barril-de-polvora-para-a-saude-mundial.html. Acesso em 28 de Abril de 2020.

THOMAS, Jennifer Ann. “A caça ao caçador: o tráfico de animais no Brasil”. **VEJA**, Impacto. Publicado em 24 de Novembro de 2018. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/impacto/a-caca-ao-cacador-o-trafico-de-animais-no-brasil/>. Acesso em 30 de Abril de 2020.

TRIGO, Luciano. Mao e o grande salto para a fome: um catálogo de horrores. **G1**. Publicado em 17 de Março de 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/mao-e-o-grande-salto-para-fome-um-catalogo-de-horrores.html>. Acesso em 29 de Abril de 2020.

ZANELLA, Janice Reis Ciacci. Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para a saúde e produção animal. **Pesq. agropec. bras.**, Brasília, v. 51, n. 5, p. 510-519, maio de 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-204X2016000500510&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 de maio de 2020.